

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.002](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.002)

A FEMINILIDADE EM “O PRIMO BASÍLIO”: UMA ANÁLISE DE GÊNERO EM EÇA DE QUEIRÓZ

Luiz Felipe de Arruda Moura

Possui Licenciatura Plena em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2015) e em Letras (Português-Espanhol) pela FAVENI (2021). É especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (2020) e em Filosofia e Sociologia pela Faculdade Serra Geral (2022). Atualmente é Mestrado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do Prof. Dr. Ezir George Silva e com financiamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: luiz.famoura@ufpe.br

RESUMO

Em “O Primo Basílio” encontra-se a possibilidade de uma análise de gênero no pensamento de Eça de Queiróz, que se tornou um importante representante do Realismo português. Compreender as construções desse autor sobre o gênero feminino, mais especificamente da figura da mulher é entender um pouco dos reflexos e dos preconceitos da sociedade lisboeta de sua época e como eles influenciaram na sua formação enquanto pessoa e enquanto escritor. Esta é uma pesquisa qualitativa de abordagem hermenêutico-interpretativista, na tentativa de não apenas compreender o contexto no qual a obra foi produzida e publicada, mas também, todos os reflexos, problemas e mazelas sociais que, na contemporaneidade, essas visões e posições estereotipadas causam e reforçam. A figura feminina, na obra em questão, é um claro reflexo do pensamento europeu do séc. XIX que ainda está enraizado nas sociedades atuais.

Palavras-chave: Feminilidade, Gênero, Eça de Queiróz.

1. INTRODUÇÃO

As questões de gênero têm ganhado grande visibilidade, nos últimos anos, no campo dos estudos literários. Essa produção, segue a lógica de compreensão das figuras femininas nas produções clássicas e dos preconceitos sociais de sua época que as rodeiam e que se perpetuaram na linha do tempo, impulsionando ainda, nos tempos hodiernos, em visíveis e perigosas mazelas sociais, colocando em risco a integridade das mulheres.

Este trabalho tem como objetivo geral entender a perspectiva feminina de Eça de Queiroz a partir da obra "O primo Basílio". Tem ainda como objetivos específicos compreender as figuras femininas e suas características na citada obra e ainda analisar as questões de gênero da época trazidas pelo autor.

Para tanto, a metodologia usada nesse artigo de revisão privilegiou uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, pois, como indica Severino: "A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc." (2007, p.122). Além disso, optamos por uma abordagem hermenêutica, de natureza interpretativista, a fim de alcançar compreensões que subjazem de maneira imediata às letras, descobrindo sentidos mais profundos para essa pesquisa.

Com esse tipo de abordagem é possível tentar compreender o contexto e os objetivos da obra, presente na primeira parte do desenvolvimento deste artigo. Privilegiando uma abordagem interpretativa e hermenêutica, busca-se entender com a breve análise da obra, os objetivos da criação das personagens femininas.

Na segunda parte do desenvolvimento, intenta-se compreender as construções e visões relacionadas às questões de gênero do autor sobre as figuras femininas. Para tanto, contamos com o auxílio de outras produções de Eça de Queiroz e de obras de outros autores, que permitem iluminar e contextualizar nossa análise e interpretação.

Vale salientar que adjetivos utilizados para descrever e caracterizar as figuras femininas da obra não pretendem depreciar ou fazer valores morais, mas, unicamente, se aproximar da visão que envolve a construção dessa obra literária no seu contexto epocal.

Não faz parte dos objetivos desta pesquisa criar ou reforçar qualquer tipo de estereótipo sobre a figura feminina.

2. METODOLOGIA

Este projeto configurar-se-á numa pesquisa qualitativa, visto que tencionamos compreender os processos subjetivos de formação, afirmação e fortalecimento de uma condição existencial e pessoal do indivíduo. Para Chizzotti:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado (1998, p. 79).

Sobre essa característica podemos ainda considerar que, ao falar sobre a abordagem qualitativa,

[...] cabe-se referir a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas. São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais aos seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas. (SEVERINO, 2012, p. 119).

Dessa forma, a abordagem qualitativa permite uma relação entre a subjetividade do sujeito com seu objeto que se anunciam de grande importância para os fins desta pesquisa, visto que a Educação, enquanto formação humana, se apresenta como processo de compreensão do Humano sobre ele mesmo.

Com a ascensão da modernidade, a ciência foi se apropriando de uma lógica baseada nas relações de causa e efeito para explicar os fenômenos do mundo sensível ou do chamado mundo natural. O projeto iluminista se pautou em criar um sistema de saber que se

diferenciasse daqueles já existentes, como o teológico e o metafísico (SEVERINO, 2007). Porém, com esse projeto, acabou reduzindo “[...] toda a natureza a um único princípio e os fenômenos do universo a uma única lei, não descobrindo verdades, mas forjando sistemas” (JAPIASSU, 2012, p. 15).

É a partir dessa ampliação de pontos de vista, que consideram o humano e suas ações no mundo, levando em consideração suas diversas nuances, que podemos localizar a origem da Hermenêutica, enquanto método das ciências humanas. Nesse processo:

Talvez se deva considerar a hermenêutica como transcendência da ciência moderna para reencontrar o seu lugar antropológico. Se falamos sobre a natureza como objeto da ciência, a hermenêutica filosófica volta-se para o pensamento, ocupando-se com as manifestações do espírito humano. Essa “ciência”, chamada hermenêutica, tem como objeto a história, a linguagem, a arte, a religião, o direito, a ética, e a educação (ZILLES, 2008, p. 105).

Embora possamos perceber pontos relevantes nas mais diversas apresentações sobre o método hermenêutico, optamos por utilizar o movimento proposto por Coreth (1973), devido a sua visão ampliada sobre a atuação e significância desse método:

O termo “hermenêutica” [...] significa declarar, anunciar, interpretar ou esclarecer e, por último, traduzir. Apresenta, pois, uma multiplicidade de acepções, as quais, entretanto, coincidem em significar que alguma coisa é “tornada compreensível” ou “levada à compreensão”. Isso acontece em qualquer enunciado linguístico, que pretenda despertar uma compreensão, tornando algo inteligível. É o que sucede, principalmente, na interpretação ou esclarecimento de um enunciado talvez obscuro, de difícil compreensão, como, por exemplo, um texto histórico ou literário, cujo sentido não aparece imediatamente, mas deve antes ser tornado compreensível (CORETH, 1973, p. 1-2).

O grande salto dessa visão está em perceber a gama de possibilidades interpretativas que se anuncia com a hermenêutica. O significado, que pode estar obscuro, desvela o seu sentido para tornar-se inteligível. Esse método anuncia-se propositivo para esta

pesquisa à medida que permite buscar um sentido profundo para as fontes que, inicialmente, se mostram incompreensíveis. Dessa forma, buscando compreendê-la, a fonte se abre “[...] em seu conteúdo de sentido, em seu valor artístico e em sua força espiritual de expressão” (CORETH, 1973, p. 49).

O movimento hermenêutico corethiano é baseado em quatro momentos, chamados de estruturas de compreensão. Para o autor, eles são: estrutura de horizonte, estrutura circular, estrutura dialógica e estrutura de mediação. Com esse processo, a intencionalidade não está em alcançar uma objetividade científica, mas uma compreensão objetiva da história, diante das suas diversas manifestações.

A fim de estabelecer coerência entre as estruturas propostas por Coreth (1973) e o objeto desta pesquisa, anunciamos que utilizaremos as três primeiras estruturas de compreensão apresentadas. Para ele, a estrutura de mediação se torna importante apenas para as questões filosóficas e teológicas onde “[...] os conteúdos sensíveis tão imediatamente dados apresentam-se como duvidosos, exigindo uma inspeção crítica” (p. 36).

Coreth indica que a estrutura de mediação se torna importante para as questões filosóficas e teológicas onde “[...] os conteúdos sensíveis tão imediatamente dados apresentam-se como duvidosos, exigindo uma inspeção crítica” (1973, p. 36). A estrutura de horizonte, por sua vez, permite uma compreensão de que as fontes não estão em ilhas existenciais isoladas e isso, por sua vez, abre espaço para a última estrutura que utilizaremos: a estrutura circular. Ela é aquela que demonstra a dimensão relacional do processo de compreensão. É o momento em que a fonte se encontra com o mundo do sujeito pesquisador, a fim de estabelecer sentido para o processo. “[...] usamos a palavra ‘mundo’ com relação ao homem e ‘seu mundo’, ou seja, seu espaço vital, seu campo visual, seu horizonte de formação e de compreensão” (CORETH, 1973, p. 61). Essa estrutura não trata o pesquisador como alguém que deve anular seu processo de construção histórica e a sua subjetividade, mas como alguém que, com todas as suas experiências, aproxima sua vida e sua experiência da sua pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. O PRIMO BASÍLIO E A FIGURA FEMININA: UMA BREVE ANÁLISE DA OBRA.

O romance *O Primo Basílio*, escrito entre 1875 e 1877 e publicado em 1878, é o segundo romance de Eça de Queirós. (O crime do padre Amaro ganha destaque e torna-se notável após a publicação desse segundo romance). *O primo Basílio* foi, desde cedo, um romance que suscitou público e críticas, como assinalado por Massaud Moisés: “O escândalo que lhe cercou o aparecimento motivou uma segunda edição, revista e considerada definitiva por Eça, ainda no mesmo ano.” (Moisés, 1968, p. 355). O Interesse pelo livro, ainda hoje, é muito presente. Destaca-se, por exemplo, a realização de traduções e adaptações para o teatro, cinema e televisão.

O Realismo português tem na figura de Eça de Queirós o seu maior representante. Eça participou das conferências democráticas do cassino lisboense, essas conferências tinham por objetivo discutir questões políticas, sociais, econômicas e literárias. Embora suas contribuições sejam mais contundentes no campo da literatura, o maior representante do Realismo português não fugiu dos temas relacionados à sociedade, como se observa na obra que aqui analisamos. Assim diz Moisés:

Com o *Primo Basílio*, Eça desloca-se para a cidade a sondar as moléstias degenerescentes no centro nevrálgico da Nação, a Capital: o ficcionista penetra agora no recesso dum lar burguês pretensamente sólido e feliz, e nele descobre a existência de podridão moral e física; um matrimônio efetuado ‘no ar’ por Luísa, uma adolescente tonta de todo e cheia duma vida imaginativa e vegetativa, revela-se frágil com o afastamento do marido, Jorge, que viaja para o Alentejo a fiscalizar suas ‘minas’, e a chegada do sedutor, o *Primo Basílio*; formado o banal trio amoroso, o núcleo da organização burguesa, o casamento, deixava-se atingir mortalmente pelo adultério. (2008, p.195)

O Primo Basílio, subintitulado *Episódio doméstico*, é não uma exceção ao projeto Querosiano, do qual pretendia pintar um retrato

da sua sociedade. Nesse romance, a crítica é direcionada à educação romântica que a mulher recebia segundo a qual o casamento era o objetivo final. Criticam-se, também, os malefícios trazidos por essa educação, tanto para os homens quanto para as mulheres. Há, ainda, no romance, marcas visíveis de crítica ao Romantismo, como, por exemplo, nas leituras feitas por Luísa, tanto na adolescência, quanto depois de adulta.

No ano de sua publicação, a recepção crítica do romance foi bastante negativa, principalmente pelos setores conservadores da sociedade lisboeta, que constituíam uma classe social repleta de ociosidade e hipocrisia. Nesse contexto, os casamentos estavam expostos ao adultério, que acontecia não só pela formação que as mulheres recebiam, mas também, pelo caráter corruptível das pessoas em geral.

O romance tem início com a descrição de Jorge e Luísa, um casal burguês, que descansa após o almoço, em sua casa, em Lisboa. Luísa e Jorge vivem bem, possuem duas empregadas, a cozinheira Joana e a arrumadeira Juliana, a quem Luísa não suporta, mas está trabalhando na casa porque cuidara da tia de Jorge e este lhe é grato. Casados há três anos, não possuem filhos. Aos domingos, costumavam receber os amigos - Conselheiro Acácio, dona Felicidade, o primo Erestino e o médico Juião - para tomarem chá. Luísa tem uma amiga de quando adolescente, dos tempos da escola, chamada Leopoldina, que só a visita quando Jorge não está em casa, pois ele não gosta dela. Trata-se de uma mulher de má fama devido ao fato de ser casada e ter amantes.

Leopoldina era a filha única do visconde de Quebrais, o devasso, o caquético, que fora pajem de d. Miguel. Tinha feito um casamento infeliz com um João Noronha, empregado da alfândega. Chamavam-lhe a "Quebrais"; chamavam-lhe também a "Pão e Queijo". Sabia-se que tinha amantes, dizia-se que tinha vícios. Jorge odiava-a. E dissera muitas vezes a Luísa: Tudo, menos a Leopoldina! (QUEIRÓS, 2015, p. 35-36)

Jorge, que é engenheiro de minas, é enviado para o Alentejo por algum tempo, decide ir a fim de ganhar mais dinheiro, com o qual poderia dar mais conforto à Luísa. Deixa a esposa em casa, entregue ao tédio e à mesmice, já que não faz nada em casa nem

fora dela. Após a partida de Jorge, chega a Lisboa Basílio, primo e antigo namorado de Luísa, que a deixou por questões financeiras. Ao ver Luísa, fica encantado, pois estava muito bonita. Luísa também se encanta com o primo, muito elegante, que veio de Paris.

Basílio passa a visitá-la todos os dias. Com o objetivo de seduzi-la, lembra-se dos tempos em que namoravam, canta canções românticas para mostrar-lhe todas as qualidades e conhecimentos adquiridos nas viagens que fizera por outros países e fazendo-se de apaixonado. Acaba, pois, conseguindo reconquistar a prima, pois ela considera que, com Basílio, conseguirá realizar tudo o que lia nos romances românticos.

Assim que Basílio saiu, Luísa foi correndo para o quarto. Tirou o chapéu e foi se olhar no espelho. Que sorte estava arrumada! Imagine se a tivesse encontrado de roupão ou despenteada. [...] Havia sete anos que não via o primo. Ele estava mais charmoso, mais queimado, estava muito bem! Que vida interessante a dele. (QUEIROZ, 2006, p.24)

A vizinhança passa a comentar sobre as visitas de Basílio a Luísa todos os dias. Incomodado com o falatório e por sentir-se no dever de proteger Luísa, como Jorge pedira, Sebastião decide avisá-la do falatório dos vizinhos. Luísa fica muito incomodada com a conversa de Sebastião, principalmente por saber que é verdade o que ele dissera. Em virtude do que Sebastião lhe dissera, os amantes passam a encontrar-se, diariamente, num local secreto, intitulado por eles de "Paraíso". Os comentários dos vizinhos são, agora, associados à saída diária de Luísa, que tanto ela quanto Sebastião alegam ser para visitar dona Felicidade, enferma com o pé torcido.

Tudo está muito bom para Luísa até que Juliana, invejosa de todas as patroas e raivosa por não ter recebido nenhuma herança da tia de Jorge, que cuidara até a morte, consegue provas da traição de Luísa: uma carta que Luísa esboçara para Basílio e duas que Basílio enviara a Luísa. Luísa fica desesperada e pensa que Jorge a matará, por isso, pensa em fugir com Basílio, que, rapidamente, é contrário à sua ideia alegando não ser possível.

Basílio oferece dinheiro para dar a Juliana e afirma que isso tinha sido descuido de Luísa, o que a deixa profundamente irritada a ponto de não aceitar o dinheiro. Ele aproveita o seu aborrecimento e

viaja para Paris, alegando que recebera um telegrama com urgência, mas que, na verdade, ele mesmo havia forjado. Trata-se, pois, de uma fuga de Basílio em virtude da descoberta de Juliana.

Luísa, sem saída, busca ajuda em Sebastião, mas, sem coragem, conversam sobre outros assuntos. Ele, despercebido, mostra uma carta que Jorge o enviara, narrando suas aventuras amorosas, enquanto que, nas que escrevera para ela, se diz aborrecido com a viagem.

Jorge volta do Alentejo e é recebido apaixonadamente por Luísa. No decorrer dos dias, no entanto, passa a perceber a estranha relação entre Luísa e Juliana. A criada recebe muitos mimos de sua esposa, que alega ter sido Juliana sua companhia durante o período em que o marido esteve viajando. O ápice do incômodo de Jorge é quando chega a sua casa, vê Luísa passando roupa e Juliana deitada no sofá lendo jornal.

Diante de tal situação, Luísa, finalmente, pede ajuda a Sebastião que consegue reaver as cartas com o auxílio de um policial. Juliana, enfurecida por não ter conseguido seu objetivo

(algum dinheiro) tem um ataque do coração e morre, deixando, pois, Luísa livre de suas preocupações. No entanto, a protagonista fica muito doente, por conta de todo o sofrimento que viveu e das saudades de Basílio.

No momento de sua doença, Jorge recebe uma carta com resposta à carta que Luísa enviara a Basílio, de modo que fica sabendo do adultério. Num ataque de fúria, o marido traído interroga Luísa, que desmaia e não mais consegue voltar à saúde de antes. Quando retorna à Lisboa, Basílio procura Luísa com o intuito de voltar a se encontrar com ela, mas descobre que a prima falecera. Ao saber da morte da prima, fica chateado por não ter mais o seu divertimento e comenta que deveria ter trazido uma namorada francesa, chamada Alphonsine.

O foco narrativo de *O Primo Basílio* é quase que totalmente centrado na personagem de Luísa. Se mostrando completamente onisciente, o narrador faz os relatos em terceira pessoa para que possamos enxergar certo distanciamento com vantagem da isenção, sendo crítico e às vezes até irônico em relação à conduta, os defeitos, os vícios e as virtudes das personagens.

3.2. A FEMINILIDADE EM “O PRIMO BASÍLIO”

Conquanto Eça de Queiroz tenha sido tomado, especialmente, como analista social, seria desonesto com seu particular talento, roubar-lhe o reconhecimento à sua contribuição para os estudos da psique humana, sobretudo a feminina, tão rica em detalhes e filigranas com as quais suas personagens foram arquitetadas durante sua trajetória.

Imbuído do espírito vigente e predominante nos anos 70 do século XIX, Eça se compromissa em delatar o deformado cenário da sociedade portuguesa, valendo-se dos traços que caracterizaram o seu estilo, tais como a naturalidade, o vigor narrativo, a oralidade anti-declamatória, a fluência e o lirismo melancólico quase sempre associado ao gosto pela sátira e pela ironia. Através da necessidade de questionar os costumes da sociedade lisboeta da época, Eça de Queiroz, ao lado de Ramalho Ortigão¹, publica o periódico “As Farpas”², em 1871. Com um tom bastante irônico, o jornal tentará acordar o país da sonolência em que vegetava. A sua finalidade era obrigar Portugal a caminhar com o século, abordando temas como: família, economia, costumes, moral, arte, política, entre outros.

Deter-nos-emos ao texto publicado em *Uma campanha alegre: As Farpas*, de 1872, no qual Eça tece considerações sobre a figura feminina lisboeta desse período, falando desde a moda à educação feminina. Assim, as colocações do autor causam surpresa, tanto pelo conteúdo irônico como pelo diálogo que tais comentários estabelecem com o retrato feminino em *O Primo Basílio*. Apreciando por esse sentido, fica mais fácil entender as personagens Luísa, Leopoldina, Juliana e D. Felicidade, uma vez que as mesmas elucidam o pensamento de Eça de Queiroz.

Embora seja por uma concepção masculina, não resta dúvida que o autor consegue reproduzir nessa obra a mulher lisboeta do

1 José Duarte Ramalho Ortigão foi um escritor português. Dedicou-se ao jornalismo, na função de crítico literário.

2 **As Farpas** foram publicações mensais feitas por Ramalho Ortigão e Eça de Queirós. Vale mencionar que os textos de Eça escritos em “As Farpas” foram recompilados pelo próprio autor em dois volumes no ano de 1890.

século XIX, deixando suas impressões negativas sobre o universo feminino, pois:

Além do processo identitário, a questão da territorialidade está muito vinculada à literatura feminina também. Desde os tempos pré-históricos, coube ao macho sair para providenciar alimentação, representada pela caça, indispensável para a sobrevivência, enquanto a fêmea precisou ficar no abrigo, mantendo as crias em segurança. Esse ato inaugural selou o futuro das mulheres. A partir de então, instituiu-se o espaço privado como domínio feminino, enquanto ao masculino coube o espaço público. Como consequência dessa situação, o homem foi à luta, educou-se, progrediu, dominou a natureza, os meios de produção e a mulher, estabelecendo sua supremacia. Detentor da razão e do saber, assinalou o princípio da paternidade também sobre os produtos culturais, tornando-se a criatividade privilégio masculino. (ZINANI, 2014, p.193)

Eça de Queiroz conferia à mulher a tarefa de ser responsável pelo futuro da nação. Essa ideia está inteiramente acoplada à concepção masculina que tenta confiná-la ao espaço doméstico. Esse é um retrato fiel da sociedade patriarcal e machista da época, legitimando a ordem desse modelo único que nega a multiplicidade representada pela voz feminina. Tendo por objetivo alijar a sociedade burguesa, Eça escolhe suas personagens nas várias camadas e grupos sociais, demonstrando certa predileção por figuras patológicas que pudessem representar a decadência da sociedade.

O autor de “O primo Basílio” considera a palidez e a debilidade física, tão presente nas mulheres de sua época, uma seqüela da vida inativa que levavam, propiciando uma série de problemas de saúde. Nesta citação abaixo, podemos perceber como Eça caracterizou uma de suas principais personagens, a fútil Leopoldina, em uma visita à casa de Luísa:

Leopoldina tinha então vinte e sete anos. Não era alta, mas passava por ser a mulher mais bem-feita de Lisboa. Usava sempre os vestidos muito colados, com uma justeza que acusava, modelava o corpo como uma pelica, sem largueza de roda, apanhados

atrás [...] E Leopoldina, sentada no sofá, enrolando devagarinho a seda clara do guarda-sol, começou a queixar-se: tinha estado adoentada, muito secada, com tonturas. O calor matava-a. e que tinha ela feito? Achava-a mais gordã. (QUEIROZ, 2006, p.21)

Filha única do visconde de Quebrais, Leopoldina fez um casamento infeliz com um empregado da alfândega, o João Noronha. Falsa, imoral e mulher fácil, é amiga e confidente de Luísa. A sua função principal na narrativa é, portanto, destruir os entraves que Luísa punha em relação à aventura com o primo. É Leopoldina que a encoraja.

Já D. Felicidade não podia usufruir com tanta frequência dos objetos da moda devido a sua idade e a sua saúde. Amiga de Luísa, cinquentona. Apaixonada perdidamente pelo Conselheiro Acácio. Simbolizava, nas palavras do próprio Eça, a beatice parva de temperamento excitado: "Tinha cinquenta anos, era muito nutrida, e, como sofria de dispepsia e de gases, àquela hora não se podia espertilhar e suas formas transbordavam." (QUEIROZ, 2006, p.32)

Praticante da estética do grotesco, Eça concebeu a empregada Juliana, uma das maiores personagens da literatura portuguesa, figura secundária da trama, mas protagonista incondicional das múltiplas possibilidades de entendimento da figura feminina no final do século XIX. Antítese absoluta dos parâmetros femininos da época, a traiçoeira criada encontra o seu oposto na personagem central da trama, a adúltera Luísa. Juliana mostra o caráter mais completo e verdadeiro do livro, o mais íntegro, inteiro, de acordo com Machado de Assis. Entretanto, considerar uma empregada doméstica como personagem de maior importância foge da postura realista.

Luísa representa a jovem romântica, inconsequente nas suas atitudes, a adúltera, personagem que possibilita ao autor criticar a posição da mulher na sociedade de então. Suas ações não possuem consistência psicológica, mas são tomadas pelo medo e não pelo amor. Ela trai seu marido arrastada pelas circunstâncias, como se fosse um brinquedo nas mãos do destino, como se não tivesse domínio sobre si mesma. Ela é caracterizada como uma mulher frágil, incapaz de agir e refletir, o que é atribuído, de forma absolutamente naturalista, à ociosidade da vida que levava, com um temperamento romântico alimentado pelas leituras de Walter Scott e de outros

romances. Em Luísa podemos notar a crítica realista à sentimentalidade romântica, mas também certo esvaziamento psicológico, do qual brota um caráter móbil, inconsciente.

Afastadas em sua maioria da vida pública, das indústrias, do comércio, da cultura, nada mais restava às figuras femininas do que seu confinamento à vida familiar, situação responsável pela deformação de seus frágeis caracteres. Embora não fosse um desejo do autor fazer uma análise densa da personalidade feminina, de certa forma Eça assim o fez, fornecendo um rico material para a constituição da posição feminina na sociedade lusa. Enquanto a beleza de Luísa é exaltada, a criada Juliana é representada como figura feia, magra, ossuda. Tudo isso leva a uma consequência, que é o fato de Luísa ser ambicionada por dois homens, ao passo que Juliana nunca teve namorados, e isso a tornou invejosa a qualquer felicidade alheia.

Depois da anemia do corpo, pareça o que mais impressiona é a fraqueza moral, que é corroborada pela imagem estereotipada das personagens femininas: Luísa, a adúltera; Juliana, chantagista, ambiciosa; Leopoldina, adúltera e pervertida; D. Felicidade, vive a procura de um casamento à beira dos 50 anos.

Adentrando numa análise psicológica das personagens Luísa e Juliana, temos dois lados possíveis da composição feminina do século XIX: Juliana, a isca seca, a fava torrada, é a própria caracterização da mulher solteira, pessoa abandonada à própria sorte. Ociosa na ausência de perspectiva de futuro passa seu tempo fazendo mexericos, intrigas, na tentativa de preencher sua vida vazia de emoções e afetos.

Devia ter quarenta anos, era muitíssimo magra. As feições, miúdas, espremidas, tinham a amarelidão de tons baços das doenças de coração. Os olhos grandes, encovados, rolavam numa inquietação, numa curiosidade, raiados de sangue, entre pálpebras sempre debruadas de vermelho. Usava uma cuiá de retrós imitando tranças, que lhe fazia a cabeça enorme. Tinha um tique nas asas do nariz. E o vestido chato sobre o peito, curto da roda, tufado pela goma das saias – mostrava um pé pequeno, bonito, muito apertado em botinas de duraque com ponteiros de verniz (QUEIRÓS, 2015, p. 27-28).

Juliana representa uma sociedade de alcoviteiras, bruxas ressequidas, solitárias e solteiras em seus dissabores e amarguras. Luísa, imagem distorcida da serviçal, é caracterizada pelo imobilismo social. Criada única e excepcionalmente para o casamento, Luísa encontra em Jorge a bonança de um porto seguro imposto pela sociedade, destino que foi complementado pela emoção da aventura amorosa com Basílio.

Afligida pela divisão entre o amor-amizade vivido com Jorge e o amor-paixão achado em Basílio, Luísa encontra sua danação na raiva incontida de Juliana. Não à toa, Luísa sucumbiu despedaçada no limiar entre o conforto que Jorge lhe proporcionava e os desejos reprimidos pelo primo. Muito mais do que se ousou pensar à época, patroa e empregada se encontram no mesmo nível de deformidade.

O predomínio do ponto de vista masculino em “O primo Basílio”, bem como o discurso patriarcal, é evidente pelo modo como o narrador conduz o relato. O foco narrativo não se fixa na consciência de nenhuma mulher. Elas são apresentadas pelo seu modo de agir ou pela visão de outra personagem. Sobre tal visão, podemos considerar que:

[...] isso se deve a muitos e complexos fatores que se originam numa concepção naturalizada que atribui a criatividade ao domínio masculino, enquanto às mulheres é reservada a procriação, ou seja, os homens criam, e as mulheres procriam. Afastadas do universo simbólico de representação, o masculino é considerado o paradigma da universalidade, e a experiência feminina, excluída dessa órbita, torna-se irrelevante, por não estar adequada aos padrões androcêntricos. Numa sociedade patriarcal, tanto as práticas discursivas quanto as sociais confluem no sentido de tornar a posição da mulher naturalizada, de modo que ela conheça o seu lugar e restrinja-se a ele, facilitando o domínio e o controle. (ZINANI, 2014, p.188-189)

Por isso não podemos observar tais personagens com um olhar psicológico, mas sim sob uma visão sociológica, pois elas são personagens “tipos”, uma vez que representam um retrato de um determinado grupo da sociedade lisboeta. Segundo o autor, a mulher portuguesa é fruto de uma má educação proveniente de uma sociedade que forma mulheres alienadas. Devemos considerar

que: “[...] por muito tempo, as representações de personagens femininas na literatura foram realizadas de acordo com estereótipos culturais da época, ditados pelo sistema patriarcal [...]” (TOFANELO, 2015, p.02)

Como resultado da visão machista que vigorava no século XIX, Basílio sai impune do adultério. O mesmo não acontece com Luísa. Eça expõe seu machismo mais uma vez através da visão da personagem, ao trata Luísa como um objeto. Esse é um reflexo social bastante evidente e presente, pois, desde o início dos tempos: “O triunfo do patriarcado deveu-se à condição biológica masculina. Ao dedicar-se à agricultura, o homem torna-se dono do solo e, por extensão, da mulher. São os homens que fazem os códigos e colocam a mulher numa posição secundária” (ZINANI, 2014, p.190). Dessa forma, é possível perceber que, nesta obra, há grandes desigualdades no que diz respeito às relações de gênero.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as discussões, pudemos perceber que diante de um cenário histórico, Eça escreve sua obra, fazendo com que esta inove as criações literárias da época. Atacando uma das instituições mais sólidas, o casamento, a obra se mostra, ou melhor, ela é uma crítica demolidora e sarcástica dos costumes da pequena burguesia de Lisboa. Trazendo personagens completamente despidos de virtudes, situações incomuns que são criadas a partir de dramatizações que são geradas a partir de promiscuidades e mesquinhas, fazendo com que ao mesmo tempo em que tece críticas, o interesse e a curiosidade da sociedade de Lisboa sejam despertados.

Luísa se caracteriza por seu relacionamento com a sociedade que a rodeia, sendo apresentada como um ser estático. Sua apresentação é de uma mulher sonhadora, fantasiando o mundo romântico. Ao ler o romance, fica fácil perceber que essas fantasias são de cunho erótico e denunciam sua insatisfação com a ociosidade do seu dia a dia. Nesse sentido, a busca pela realização de suas fantasias acaba levando-a a degradação moral, o adultério, que a transforma de ser inerte à móvel.

Eça recusa inocentá-la, na medida em que coloca as causas de sua debilidade mental fora de seu próprio ser. Assim, Luísa acaba

sendo vítima da maldade humana que a destrói pouco a pouco. Talvez o fato mais importante na elaboração do retrato da passividade imposta por uma construção deturpada da mulher, seja a incapacidade da heroína assumir sua voz, poder falar de si mesma, de suas necessidades. Para tanto é preciso saber que:

A desconstrução desse modelo implica o reconhecimento de uma estrutura de dominação falocêntrica, em que o falo, co-mo indicador do poder masculino, da autoridade, é associado à lógica, também privilégio masculino, marcando um território de poder do qual as mulheres foram, naturalmente, excluídas[...] (ZINANI, 2014, p.192).

A protagonista é mostrada como uma mulher tola, que se interessa pelo homem de muitas mulheres. Entretanto, esse ideal feminino construído deve ser punido para que se estimule a restauração moral e isso ocorre a partir de um final forjado e artificial. Luísa morre de uma febre mental, com a cabeça raspada e um marido vigilante e de fato sua morte não faz sentido como realidade médica observável.

Luísa é um ser que não protesta, não se rebela, não tem paixões, nem ânimo, nem vida, parece um ser inerte movido pela preguiça. A personagem é descrita como fraca, leviana e que não tem remorso pelo adultério. É produto de uma educação defeituosa que a tornou fútil, superficial. Dessa forma, é possível observar que as construções de gênero, na obra aqui analisada, es-tão carregadas dos estereótipos da sua época, principalmente no que tange as concepções morais.

REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

CORETH, E. **Questões fundamentais da hermenêutica**. São Paulo: EPU; Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa**. 35ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa Através dos Textos**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

QUEIRÓS, E. **O primo Basílio**. 4. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

QUEIRÓS, E. **O primo Basílio: episódio doméstico**. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2015.

REIS, C. Eça de Queirós e o Romantismo. **Estudos Portugueses - Revista da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emereciano da UFPE**. Recife: 1996, n.6.

SARAIVA, A. J.; LOPES, O. **História da Literatura Portuguesa**. 17^a. ed. Porto: Porto Editora, 2005.

SEVERINO, A. J. **Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2012.

TOFANELO, G. F. A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina. **Simpósio internacional de educação sexual: feminismos, identidades de gênero e políticas públicas**. UEM: 2015

VIEIRA, A. M. T. Eça de Queirós por Machado de Assis: (uma leitura dos romances O Primo Basílio e O Crime do Padre Amaro). **Estudos Portugueses - Revista da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emereciano da UFPE**. Recife: 1996, n.6, p. 73-87.

ZINANI, C. J. A. Produção literária feminina: um caso de literatura marginal. **ANTARES** – Vol. 6, No 12, jul/dez 2014. p. 183-195